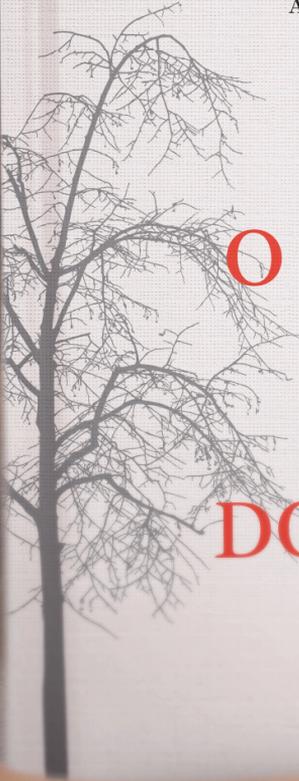


«Quem melhor
do que Ann Hood para
escrever acerca de emoções e
histórias simples? Tocante e
memorável.»
Jodi Picoult

ANN HOOD

Autora bestseller do *New York Times*



O OUTRO LADO DO ADEUS

Uma mãe e uma filha perdidas.

Um passado enterrado.

Pode um livro esquecido permitir-lhes um recomeço?

**TOP
SEL
LER**

PARTE UM DEZEMBRO



«É um caminho tão longo, que aumenta todos os dias.
É um caminho tão longo, o de Clare até aqui...»

From Clare to Here, Ralph McTell

AVA



Ava viu-o assim que virou a esquina. Parou, semicerrando os olhos, como se isso pudesse mudar o que estava a ver. Faltava uma semana para o Natal e ela encontrava-se na Weybosset Street, na Baixa de Providence. Eram só cinco da tarde, mas já tinham acendido as luzes de Natal porque o dia estava muito escuro e enevoadado. Sentia-se a atmosfera festiva, pessoas atarefadas com sacos de compras gigantescos, o ar frio, as decorações estafadas, um vendedor de árvores de Natal à esquina.

Ava, porém, sentia-se tudo menos festiva.

Ficou parada, fixando a entrada do Centro de Artes Performativas de Providence. Ela sabia que o cartaz por cima da porta estava iluminado a partir do interior com luz branca e letras negras, anunciando *O Rei Leão*, porque estivera lá na noite anterior. Uma colega do departamento de Francês oferecera-lhe os bilhetes para a animar. Mas não conseguia realmente ver o anúncio. Não. Todo o avançado por cima da entrada estava coberto de lã vermelha e verde, tricotada num padrão de tranças, quase como se tivesse uma camisola vestida. Mas Ava sabia que não *era* uma camisola. Sabia que passara pelas mãos dos ativistas de tricô¹.

Por baixo, encontrava-se a sua vizinha e melhor amiga, Cate, com um ar infeliz, de gorro, luvas e cachecol a condizer com a cor das árvores de Natal. Sacudia nervosamente as mãos enluvadas.

¹ Referência ao movimento *Yarn Bombing*, um tipo de arte urbana. [N. da T.]

— Eu não sabia — dizia ela para o ar frio, a respiração a sair-lhe em pequenas nuvens. — Desculpa!

Ava acabara por odiar essa palavra. *Desculpa*. Quantas vezes a ouvira no último ano? Mil? Dez mil?

Qual era o número que os filhos, quando eram pequenos, supunham ser o maior de todos? Um «gazilião». Era isso mesmo, um «gazilião». Teria ela ouvido a palavra *Desculpa* um «gazilião» de vezes?

Cate aproximava-se agora dela, mas Ava manteve-se imóvel, como se estivesse colada ao chão. Ao contrário de Cate, esquecera-se de trazer luvas e gorro, e estava gelada. Verdadeiramente gelada. Nos últimos tempos, estava sempre a esquecer-se dessas coisas. Ia ao banco sem levar o cartão de débito. Dirigia-se ao carro sem as chaves. Dava por si na mercearia sem a menor ideia do que fora ali comprar.

— Desculpa — disse Cate novamente, diante de Ava, segurando nas mãos enluvadas as mãos nuas da amiga. — Se eu soubesse — começou, mas não terminou porque não era necessário. O que tencionava dizer era óbvio. Se soubesse que a entrada do CAPP tinha sido bombardeada com lâ, teria combinado outro sítio para se encontrarem. Não sabendo, ali estavam elas.

— Não faz mal — disse Ava, embora fizesse, e muito.

Ava estava outra vez a olhar para a entrada. Os pontos eram tão perfeitos, as cores tão vivas na tarde cinzenta, aquelas tranças tricotadas torcendo-se provocadoramente em direção ao cimo do edifício.

— Porque é que eles não a prendem? — perguntou Cate, virando-se para olhar.

Estava a juntar-se uma pequena multidão, todos a olharem para a entrada da sala de espetáculos. Todos divertidos, impressionados. Impressionados com quê? Com a audácia da mulher? Ava vira aquilo em primeira mão e não achara nada impressionante. Com o seu talento? Até Ava admitia que devia ser difícil, aparentemente impossível, tricotar umas peças tão gigantescas. E tricotá-las tão bem. Mas era, de facto, impressionante? Impressionante era curar o cancro. Atingir um 10 nos Jogos Olímpicos também era impressionante. Ou fazer um soufflé que não desmoronasse. Ou salvar pessoas de um naufrágio. Até mesmo ter uma classificação de 800 nos exames de aferição era impressionante. Mas aquilo? Aquilo era ridículo.

Cate segurava o cotovelo de Ava e começou a conduzi-la na direção de onde viera.

— Não fazia ideia. — Cate não se calava com aquilo.

— Está tudo bem — insistiu Ava, embora nada estivesse realmente bem desde o dia em que Jim a deixara. *A trocara por aquela ativista de tricô*, acrescentou Ava silenciosamente, olhando por cima do ombro os flashes de dezenas de máquinas fotográficas que pareciam algo de prometededor — pirilampos ou estrelas-cadentes.

Cate sorriu e disse:

— Disseram-me que o bar aqui ao fundo da rua tem bons martínis. Podíamos experimentar um, talvez de romã?

— A-hã — assentiu Ava.

— Eu vou provar um — disse Cate, abrindo a porta de um bar.

O interior estava mal iluminado, apinhado e barulhento.

— Acolhedor — disse Cate alegremente.

Ava seguiu a amiga, observando as suas costas fortes e os ombros largos. Mesmo no inverno, Cate acordava cedo todos os dias e ia ao Y para nadar. Também andava de bicicleta, jogava futebol americano e estava sempre pronta para pegar numa raquete ou atirar uma bola. Desde que Jim se mudara, Cate persuadira Ava a ir com ela à piscina ou às aulas de ioga. Mas Ava nunca tivera jeito para essas coisas. Quando ia à praia com Jim, refastelavam-se os dois em cadeiras de repouso às riscas em vez de afrontarem as ondas. Ou caminhavam vagarosamente ao longo da margem, na maré baixa, à procura de conchas e vidrinhos polidos, que ainda enchiam várias taças e jarras por toda a casa.

Recordar aquelas coisas — o cheiro a óleo de coco do protetor solar e a sensação da sua mão na mão grande de Jim — causou-lhe uma pontada de dor, enquanto se encolhia no bar cheio de gente.

Cate tentava chamar a atenção do empregado.

— Está tão cheio — murmurou, e Ava concordou, olhando as pessoas tatuadas e com *piercings*.

Perguntou-se como é que ela e Jim tinham passado de um ponto ao outro. Recordou-o a baixar-se para apanhar uma bolacha-do-mar, intacta mas frágil. Estendera a palma da mão aberta, para lha

mostrar. «Vês a estrela no centro?», perguntara-lhe. «Foi a estrela que guiou os Reis Magos até Jesus. E os buracos representam os cravos na Cruz.» Virara-a delicadamente. «Deste lado, há uma poinsetia.» Ela pusera-se em bicos de pés para o beijar. «A minha enciclopédia pessoal», dissera. E era. Ou tinha sido, corrigiu-se. Um amante de informação arcana e de factos estranhos que ela nunca se cansava de escutar. A bolacha-do-mar desfizera-se quando ela lhe pegara em casa, no mesmo dia, lembrou Ava, como que um presságio do que aconteceria alguns meses depois, quando uma noite, sem conseguir dormir, Ava desceu ao andar térreo da casa e viu uma mensagem a piscar no telemóvel do marido: «Tenho mtas saudades, mor».

Ficara a olhar, esforçando-se por entender o que via. O uso de *mtas* em vez de «muitas», a palavra *mor*, tudo era confuso e misterioso até que ela subiu as escadas ao encontro do homem em quem julgara poder confiar, cuja confiança nunca sequer pusera em causa, e o acordou, agitando o telemóvel diante do seu rosto ensonado, exigindo uma explicação. E então, chegou a explicação horrível. «Amo-a. Estou apaixonado por ela.» Ainda nessa noite dramática, ela ouviu-se dizer: «Nós podemos ultrapassar isto. Podemos resolver as coisas.» Mas Jim, com o cabelo desgrenhado da cama e olhos sonolentos, abanara lentamente a cabeça. «Acho que quero estar com ela», dissera ele, como se também tivesse acabado de descobrir alguma coisa.

Cate dava-lhe agora cotoveladas gentis, e o empregado agigantava-se impacientemente diante dela.

Ela pediu um martíni *Grey Goose* fresco, com casca de limão.

— Eu vou provar o de romã — disse Cate ao empregado. — Gelado — acrescentou. Era o cocktail especial das festas. Ava viu escrito a giz vermelho, num quadro por cima do balcão: MARTÍNI DE ROMÃ GELADO!!!!!!

A bebida chegou, quase derretida e cor-de-rosa, guarnecida com arandos num pauzinho de bambu. Cate ergueu o copo e bateu no de Ava.

— A esta noite! — brindou Cate.

— Sim — disse Ava, correspondendo ao brinde.

Desde que Cate lhe anunciara que Paula Merino se ia mudar para Cleveland e havia uma vaga no grupo de leitura que ela dirigia

e que se reunia na biblioteca, que Ava ansiava por esta noite. Tendo em conta o espaço na biblioteca e o desejo de que o grupo não ultrapassasse os dez membros, para que todos tivessem oportunidade de escolher livros e participar nas discussões, arranjar uma vaga era difícil. Durante mais de 20 anos, Ava ouvira Cate descrever o grupo de leitura e falar de quão especial era. Iam aos casamentos uns dos outros, levavam guisados quando alguém perdia um ente querido e organizavam festas para apresentar os novos bebés. De tempos a tempos, quando alguém mudava de cidade ou desistia — o que era raro —, Cate perguntava a Ava se queria inscrever-se. Mas Ava nunca sentira essa necessidade. Até Jim se ir embora.

De facto, fora Ava quem pedira — quase implorara — a Cate que a deixasse participar, por favor, *por favor*, se alguém saísse. Tentara não parecer desesperada, embora obviamente o estivesse. Desesperada por companhia, desesperada por conversa, por uma maneira de passar as horas vazias com que se deparara subitamente quando Jim saíra de casa. Surpreendera-a perceber quanto ansiava por companhia. *Não*, pensou, tomando a bebida. Não era só por companhia, era por algo mais, uma conexão mais profunda com as pessoas. Fora tão fácil depender de Jim para isso! E agora desejava intensamente conseguir tê-la com outras pessoas.

Há muitos anos, antes de a mãe e a irmã mais nova, Lily, terem morrido no espaço de um ano, os livros tinham sido o refúgio de Ava. «Não há, com certeza, um dia da nossa infância tão bem vivido como os que passámos com um livro favorito», era a citação que a mãe fazia quando dava por Ava perdida em Nárnia, ou na pradaria, ou em casa da família March. Dizia-o com orgulho. Era a única coisa que Ava tinha e Lily não. Lily tinha os maravilhosos olhos azuis e cabelos louros da mãe, o temperamento doce e aquele encanto que fazia as pessoas pararem na rua para a admirarem. Mas Ava, com o seu indomável cabelo castanho e óculos azuis, a sua predisposição para amuar e ser sarcástica e a sua personalidade tendencialmente amarga, apenas agradava à mãe pelo facto de ser uma leitora voraz.

«Não há, com certeza, um dia da nossa infância tão bem vivido como os que passámos com um livro favorito.» *Quem dissera aquilo?*,

questionou-se Ava. A mãe já partira há demasiado tempo para ela se recordar de quem era a sua fonte.

— Fomos mudando ao longo dos anos — explicou-lhe Cate. — Ao princípio, éramos apenas jovens mães, desesperadas por falar de algo mais que treino de bacio e birras. Encontrávamo-nos à tarde, à hora da sesta. Depois veio a fase em que nos reuníamos em casa umas das outras ao fim da tarde e cozinhávamos a comida dos livros. Acho que correu muito bem. Ainda tento que os petiscos se adequem aos livros que lemos. E por vezes visto-me de acordo com a época do romance, só para me divertir. Agora somos uma boa mistura de pessoas de diferentes idades. — Cate sorriu para Ava e acrescentou: — Vais adorar toda a gente, verás.

Não era isso que preocupava Ava. O que temia era que o grupo não gostasse dela. Ela não era uma pessoa de grupos. Nunca tinha sido. Fora expulsa do movimento das Guias aos 10 anos por não ser capaz de fazer um saco para os rolos a partir de uma garrafa de lixívia, falhando assim na obtenção do crachá de mérito de costura. Lily, um ano mais nova, conquistou sucessivas medalhas de mérito, na costura, na cozinha e na botânica. Até recebeu uma especial, por vender mais bolachas que qualquer outra pessoa na Nova Inglaterra. Quando Ava se recusou a assistir à cerimónia da entrega de prémios, a líder das Guias, a Sra. V, dissera-lhe que ela não tinha espírito desportivo, algo que todas as Guias possuíam, além de serem alegres e pessoas com quem era fácil trabalhar. Como a Lily. «Tu não tens nenhuma dessas características, Ava», concluíra a Sra. V que, se a pudesse ver agora, se sentiria justificada. *Eu bem te disse, Ava!*

Um fio de luzes piscava no espelho, alternando ananases e palmeiras. Por cima do balcão, num televisor pequeno e sem som, surgiu um rosto familiar. Ava reconheceu o local: a entrada do CAPP coberta de tranças de tricô verdes e vermelhas. Hayley Morrow, a pivô de *News Team 10* tremia de frio dentro de um casaco cor-de-rosa demasiado fino, com um batom de uma cor que não combinava com a sua pele pálida e, ao lado dela, em quadricromia, uma mulher com uma massa desgrenhada de cabelos até aos ombros, embrulhada num casaco de imitação de pele de leopardo e botas acima dos joelhos, olhos pintados a lápis e enormes óculos de bibliotecária,

sorria para a câmara. O seu nome refulgia no ecrã, mas Ava não precisava de o ler. Sabia exatamente para quem estava a olhar. DELIA LINDSTROM, ATIVISTA DE TRICÔ. *Ladra de maridos*, acrescentou Ava silenciosamente.

— Oh, querida — disse Cate. — Não olhes. O melhor mesmo é irmo-nos embora, não te parece? — Virou-se para o empregado e pediu a conta.

Mas Ava não conseguia deixar de olhar. Porque ali, mesmo atrás de Delia Lindstrom, Ativista de Tricô, encontrava-se o seu marido — o seu muito em breve *ex-marido* — Jim, sorrindo como o idiota que era. Orgulhoso da sua namorada ativista de tricô e destruidora de lares. Até tinha uma mão sobre o ombro dela. *Possessivamente*, pensou Ava com uma náusea. E aquela mão estava dentro de uma luva de couro que ela lhe oferecera no Natal passado, quando ainda era beatificamente ignorante e feliz.

— A conta? Por favor? — dizia Cate desesperadamente.

Ou, se não exatamente feliz, pelo menos mais feliz, corrigiu-se Ava. Seria possível ser mesmo feliz, depois de tantos anos juntos?

— Oh, por favor — gritava Cate.

Ava terminou o martíni de um gole. Depois, apoiou a cabeça no corrimão de metal do balcão e chorou.

O Ateneu de Providence empoleirava-se bem alto na Benefit Street desde 1838. Nessa altura, assistia às idas e vindas de estudantes da Brown e da Escola de Design, de advogados e criminosos no tribunal do outro lado da rua, guias do museu, pais *hipster* acompanhando miúdos vestidos de couro ou tule, mães angustiadas empurrando carrinhos duplos e a horda eclética de realizadores de cinema, artistas, escritores e professores que povoavam o bairro. Lá em baixo, a Providence colonial, com as suas casas assimétricas do século XVIII pintadas com os azuis, vermelhos e amarelos da época; por cima, as grandes casas vitorianas dos industriais e presidentes de bancos da cidade. A rua era composta totalmente por pavimento de pedras redondas, tijolos e imitações de candeeiros a gás.

Ava seguiu Cate para a entrada lateral da biblioteca, diante do Hope Club, um dos dois clubes privados da Benefit Street. Decorria

aí um evento e havia muitos carros nas ruas. Enquanto passavam por *BMW*, *Mercedes* e um ocasional *Porsche*, Ava prometia em silêncio ser agradável, amistosa, positiva. Não beberia demasiado vinho, outro vício adquirido pós-Jim. Faria amigos ou, pelo menos, não ofenderia ninguém.

— Muito bem — disse Cate, passando do papel de melhor amiga ao de diretora da biblioteca. Abriu a porta da sala onde o grupo de leitura se reunia e disse, satisfeita: — Parece que está cá toda a gente!

A sua assistente, Emma, roliça, cheia de *piercings* e de tatuagens coloridas que representavam cenas de *Winnie the Pooh* nos braços, peito e costas, correu para Cate. Sempre que Ava a via, a rapariga tinha o cabelo de uma cor diferente: esta noite era de um azul muito claro, que evocava fiordes e icebergues. Apesar do frio — chamavam àquele clima gelado o vórtice polar, um novo termo meteorológico com que Ava e Jim se teriam deliciado, pois partilhavam o amor pela meteorologia —, Emma usava um top preto, talvez para exibir as tatuagens. Ou os grandes seios macios, que pareciam prestes a tombar.

— Olá, Ava — disse Emma. — Como está?

Antes de Ava poder responder, Emma já devolvera a sua atenção a Cate, falando-lhe no seu tom monótono acerca do vinho e do queijo expostos sobre a toalha de linho branco com um centro de Natal — azevinho, bagas vermelhas, flores vermelhas e brancas, muita verdura.

As senhoras do grupo de leitura rodeavam a mesa, segurando copos de plástico com vinho e mastigando *Camembert* e uvas.

Relaxa, ordenou Ava a si mesma. Inspirou fundo e juntou-se a elas.

Assim que Ava se serviu de um copo de vinho, uma senhora idosa, loura e esguia, vestindo um fato *Chanel* bege, aproximou-se dela.

— Vem para o lugar da Paula? É a amiga da Cate?

— Sim, sou eu — respondeu Ava.

— Seja bem-vinda. Sou a Penny Frost, a grande dama do grupo. O que apenas significa que sou a mais velha.

Penny apertou-lhe a mão, surpreendendo Ava com o seu vigor.

— Sou a Ava... — começou ela.

— Ava! É a mãe da Maggie, não é? — exclamou uma mulher jovem. — Sou a Honor. Honor Platt? Fui babysitter da Maggie e do Will, não se lembra?

Uma imagem vaga, de uma década antes, em que uma estudante da Brown com um ar muito sério carregava uma mochila impossivelmente grande, atravessou a mente de Ava.

— Honor — disse Ava. — Como estás? Já passaram...

Honor voltou a interrompê-la.

— A Maggie teria uns 7 ou 8 anos, não era? E o Will uns 11. Sempre gostei de ir à sua casa — acrescentou docemente.

— Gostavas? — disse Ava, novamente tomada pela sensação de perda. *Maldito sejas, Jim. Vês? As pessoas gostavam de nós. Gostavam de ir a nossa casa.*

— Havia sempre boa comida no frigorífico e vocês eram tão divertidos. A senhora e o Sr. Tucker. — Honor sorriu, como se estivesse a recordar. — O Will era um menino muito doce. E a Maggie... Bem, digamos apenas que não me dava descanso.

— Honor Platt — disse Ava baixinho. Na universidade, Honor usava calças de ganga largas e camisolas soltas, e amarrava o cabelo num rabo-de-cavalo. Jogava *ultimate frisbee* e ensinara o Will e a Maggie a lançarem um *frisbee* num arco perfeito. E agora ali estava ela, uma mulher adulta, com cabelos castanho-arruivados, suaves, que lhe roçavam o colarinho, e uma pedrinha azul a refulgir na narina esquerda.

— Como estão eles? — perguntou Honor, sorrindo. — A Maggie e o Will?

— Estão ótimos — respondeu Ava, tentando ignorar o sentimento de preocupação que acompanhava sempre essa pergunta. *Não*, disse a si própria. Eles estavam mesmo ótimos. Ou, pelo menos, Will estava. Maggie — Ava afastou a dúvida que ameaçava constantemente dominá-la. Maggie estava bem, procurou convencer-se, ou não a teriam mandado para Florença este ano letivo. — Crescidos — acrescentou.

— Até custa a acreditar — disse Honor. — A Maggie é quase da idade que eu tinha quando tomava conta dela.

Ava assentiu e tomou um pouco de vinho, tentando que a preocupação pela filha não transparecesse, o que era difícil, considerando a quantidade de vezes que já se permitira acreditar que aquela filha problemática se encontrava finalmente no bom caminho, apenas para em seguida se surpreender ou desiludir. Desta vez, Maggie *estava* no bom caminho. Finalmente. Graças a Deus.

— E tu, que fazes agora? — perguntou Ava, feliz por conseguir mudar de assunto.

— Dou aulas na Brown. No Departamento de Inglês. Estudos Femininos. Efetiva.

— A sério? Isso é impressionante!

— Estou tão contente por ter entrado para o grupo — disse Honor. — Quando me mudei para cá, depois da pós-graduação, foi como uma dádiva. Uma maneira de conhecer pessoas, sair de casa, afastar-me da minha tese.

Deu um aperto rápido no braço de Ava antes de se afastar.

— Será difícil preencher o lugar da Paula — disse Penny. Ava esquecera-se de que ela ainda ali estava. — No ano passado, o nosso tema foi «Os Clássicos» e a escolha de Paula foi *Em Busca do Tempo Perdido*. Dá para acreditar?

Ah, Proust, pensou Ava, lembrando-se de que era ele o escritor cujas palavras a mãe repetia. *Não há, com certeza, um dia da nossa infância tão bem vivido como os que passámos com um livro favorito*. Pensou recitar as palavras à mulher que a olhava, para provar que era merecedora de estar ali, no lugar de Paula.

— Acho que foi ela a única que o leu — continuou a mulher. — Os sete volumes.

De repente, pareceu-lhe que aquele grupo de leitura era mais exigente do que ela pretendia. Sete volumes de Proust?

— Caramba — disse Ava.

— Percebe o que eu digo? — perguntou Penny. — Mark Twain afirmava que um clássico é um livro de que toda a gente ouviu falar, mas que ninguém leu. Pois bem, caro Mark Twain, o senhor nunca conheceu Paula Merino.

Ava tentou dar uma gargalhada, mas o que lhe saiu assemelhou-se mais a um grunhido.

Será que se esquecera até de como se ria?, repreendeu-se. Estava decidido. Acabaria o seu vinho e, em seguida, pediria desculpa a Cate e a todos os outros e iria para casa. Pensou, quase nostálgica, nos seus novos lençóis floridos, cor-de-rosa. Do género que as mulheres solteiras compravam. Fora isso que pensara ao comprá-los. Quando Jim se mudara, deitara fora os lençóis cinzentos que cobriam o leito conjugal. *Leito conjugal!* Parecia mesmo vitoriana. Era Jim que gostava de lençóis sérios, cinzentos, cinzento-escuros e cinzento-acastanhados. Se ele soubesse que ela pusera esses lençóis no lixo em vez de os doar à Travelers Aid ou a qualquer outra causa importante, ficaria furioso. Ele era o género de pessoa que analisava o lixo e resgatava pão bolorento — «Então e os pássaros?» — e aparelhos estragados — «E a escola de tecnologias?» — e pedaços de cartão — «Então e a reciclagem, Ava?»». Ela achava esse hábito enternecedor, aquela necessidade que ele tinha de tornar o planeta um lugar melhor. Quando os filhos eram pequenos, saíam os quatro armados com baldes e limpavam a pequena praia da baía ou o parque decrépito na esquina da rua. E Ava tinha de admitir que *era* bom quando a sua família fazia em conjunto aquelas pequenas coisas. Mas, depois, as boas ações de Jim tinham-se tornado mais amplas e com maior exigência de tempo, e Ava sentia-se frequentemente deixada para trás.

Ava ergueu o copo de plástico — era mesmo minúsculo, não era? — e descobriu que já estava vazio. Só mais um, pensou ao voltar a enchê-lo, e depois vou para casa, para a minha cama. Assim que a ideia lhe surgiu, refutou-a. A última coisa de que precisava era de estar na cama, sozinha. Não, caramba! Ela suplicara para poder estar ali. Estava desesperada por pertencer àquele grupo. Até o cheiro dos livros que permeava a sala era familiar e reconfortante. E todos aqueles rostos, parecendo tão abertos e prontos para alguma coisa. Ela precisava, acima de tudo, do conforto de pessoas que não desajassem mais do que sentar-se juntas a falar sobre livros.

Cate começou a pedir a toda a gente que se sentasse, recordando que teriam oportunidade de conviver depois da reunião. O seu olhar recaiu sobre Ava, mostrando-se tão feliz por ela estar ali — a única coisa que Ava conseguiu fazer foi devolver-lhe o sorriso, meter na boca uma bolacha com uma fatia de queijo *Havarti* e sentar-se.

— Bem-vinda — disse Penny, e deu uma palmadinha no braço de Ava com a sua mão coberta de manchas castanhas.

Para sua surpresa, Ava reparou que havia dois homens no grupo. Um deles usava uma camisa de flanela e um daqueles chapéus de copa lisa e abas reviradas em toda a volta que todos os homens com menos de 30 anos usavam agora. Também tinha umas patilhas longas, algo que Ava não via desde os seus tempos de universitária. O outro era mais velho, da idade de Ava, e usava um colete de polar verde-lima e sapatos de vela gastos, sem meias, apesar do tempo invernosso. Tinha o cabelo louro a ficar grisalho e um rosto jovial que, sem dúvida, no seu tempo, derreteria corações. Estava sentado, revirando a aliança de casamento no dedo, olhando-a e desviando o olhar em seguida.

Ava suspirou e comeu o seu *Havarti*, um queijo que sempre achara que não sabia a absolutamente nada.

— Gostaríamos de dar as boas-vindas a dois novos membros do nosso grupo — disse Cate. — John e Ava.

As cabeças viraram-se quase em simultâneo para os olhar.

— John? — disse Cate. — Queres falar-nos um pouco sobre ti?

O homem do colete verde-lima pôs-se de pé, como se estivesse na escola.

— Claro, claro — disse, e parecia verdadeiramente afável, um bom tipo. — Vivo naquele edifício que dantes era uma escola, conhecem? Na John Street? — Sorriu tristemente. — Só me mudei para aí há dois meses, vindo de East Greenwich. Bem... hum... Bem, a minha mulher morreu no ano passado e estou a tentar sair mais, percebem? Experimentar coisas novas. Conhecer pessoas. — Todos abanaram a cabeça compreensivamente. — Por isso, aqui estou — concluiu com uma risada. — Nervoso — acrescentou, sentando-se.

— Estamos muito felizes por te ter aqui — disse Cate com a sua voz de superboa pessoa. Ava?

— Sim? — disse Ava, apanhada de surpresa.

— Podes falar-nos um pouco sobre ti? — incentivou Cate.

Ava levantou-se porque John o fizera, deitando ao chão o pratinho de papel. Sentiu um nervoso miudinho no estômago.

— Bem, então... Sou a Ava, amiga da Cate, e a Cate é uma daquelas amigas a sério. Quero dizer, a minha vida desmantelou-se e a Cate... a Cate... — Ava percebeu que se esforçava por conter as lágrimas. A humilhação por ter sido deixada pelo marido pareceu-lhe descomunal.

Alguém pigarreou. Ava inspirou, disse a si mesma que continuasse, que se recompusesse.

— E então a Paula mudou-se para Cincinnati... — recomeçou.

— Cleveland — corrigiu alguém.

— Cleveland — repetiu Ava. *Vá lá*, disse para si mesma, *tu sabes como fazer isto*. — Por isso, aqui estou, num esforço para continuar. Para experimentar coisas novas. Conhecer pessoas.

Calma. Não fora exatamente aquilo que John dissera?

— Como o John — acrescentou.

John ergueu o olhar, surpreendido.

Ava riu nervosamente.

— Isto não quer dizer que esteja aqui para conhecer o John, embora esteja contente por o conhecer. Conhecer-te — disse, lançando um sorriso na sua direção. John voltou a observar o próprio colo.

Ava voltou a respirar fundo. Passara a vida a falar para os alunos, diante da turma, confiante e controlada. Porque se sentia tão nervosa ali?

— Adoro ler — continuou Ava. — Ou, pelo menos, adorava. Quer dizer, a minha mãe e a minha tia eram donas de uma livraria. A Orlando, conhecem? Na Thayer Street?

Em nenhum rosto perpassou qualquer sinal de reconhecimento. Não era de surpreender; a Orlando encerrara há mais de 40 anos.

Ava voltou a respirar fundo e continuou:

— E a minha mãe até costumava escrever. Uma série de histórias dela chegaram a ser publicadas no *Redbook* no princípio dos anos setenta. Histórias simples, nada de muito literário, mas não deixaram de ser publicadas.

Tentou perceber o que pretendia com aquilo. Porque é que começara a falar da mãe? Cate parecia um tanto horrorizada e o tipo do chapéu sorria-lhe.

— Adoro ler — repetiu Ava, debilmente.

— Ainda bem — disse Cate. — Porque este é um grupo de leitura!

Felizmente, todos dirigiram a sua atenção para Cate. O rapaz do chapéu sorriu para Ava, mas parecia um sorriso de piedade, um sorriso de *coitadinha*. Ava decidiu que o detestava.

— Aqui estamos nós — prosseguiu Cate — no nosso encontro de dezembro, que é aquele em que decidimos a nossa lista de livros para o ano seguinte. John e Ava... — Franziu o sobrolho. — Ava, já te podes sentar — disse na sua voz de professora primária.

Ava não se apercebera de que continuava de pé. Sentou-se rapidamente, derrubando o copo de plástico. Felizmente estava vazio.

— Bem — disse Cate, respirando fundo para se acalmar, como fazia no ioga, outra atividade a que forçara Ava a acompanhá-la. «O ioga vai ajudar-te a sentires-te melhor», prometera-lhe, mas não resultara. — John e Ava, já vos dei o tema do próximo ano...

Tinha dado? Ava tentou lembrar-se de um tema ou mesmo de uma conversa acerca de um tema. Mas só conseguia lembrar-se da sua insistência para entrar no grupo. Cate não podia abrir uma exceção ao número de membros, só desta vez?, perguntava-lhe, e Cate explicava-lhe pacientemente que um grupo grande impediria que todos pudessem escolher um livro e que a sala não tinha dimensões para acomodar mais pessoas e que, assim como era, todos os membros tinham tempo suficiente para contribuir com as suas reflexões. Quando recebera um e-mail de Cate e vira que o assunto era *Surgiu uma vaga no grupo de leitura!*, sentira tanto alívio e gratidão que, se calhar, não tinha lido o texto todo.

Honor virou-se no seu lugar, na fila à frente da de Ava.

— Sente-se bem? — perguntou num murmúrio. — Está tão corada! — Tocou com as mãos as suas próprias bochechas, como se Ava pudesse não compreender a palavra «corada».

— Estou bem — respondeu Ava. — Obrigada.

Honor encolheu os ombros e virou-se outra vez para a frente. Tinha vestidas várias camadas de roupa. Um lenço enorme e vagamente étnico, várias blusas e muitas pulseiras.

— Devo dizer — prosseguiu Cate — que adoro o tema do próximo ano.

Ava reparou que ela também tinha as bochechas coradas, fosse por um acesso de calor ou por se sentir verdadeiramente excitada com o tema do ano seguinte.

— É claro que adorei ler os Clássicos do ano passado. A *Odisseia*, *Os Contos de Cantuária* e até mesmo Proust.

Fez uma pausa para que todos pudessem abanar as cabeças e sorrir ou rir um pouco.

— Deus abençoe a Paula — disse Penny.

Cate continuou.

— E no ano anterior, a maioria de vós já estava aqui, adorei ler a literatura americana do século XIX, todas aquelas obras de Twain e Poe. Mas o tema deste ano permite-nos, de facto, revelar algo acerca de nós próprios e aprender mais acerca dos outros, não é verdade? É mais pessoal, e isso agrada-me.

Mais uma vez, deu tempo para que todos concordassem com ela. Ava olhou para a mesa com os queijos e os vinhos. A Emma tatuada e de cabelo azul-claro montava guarda, mas certamente não impediria Ava de se servir de um pouco mais de vinho. Como se lhe tivesse lido a mente, Emma franziu o sobrolho para ela.

— Quero ainda lembrar — dizia Cate —, e penso que enviei a informação por e-mail também ao John e à Ava, que não nos encontramos em agosto. E para o encontro de dezembro não lemos um livro, porque é quando escolhemos os livros, como estamos a fazer hoje.

Ava caminhou o mais silenciosamente que conseguiu até à mesa. Cate estava a dizer que era preciso escolher dez livros para o próximo ano, que ela não escolheria nenhum, mas que os leria todos — até Proust! — e dirigiria os debates.

Ava lembrou-se de que derrubara o seu copo e que este devia estar algures debaixo da cadeira, pelo que pegou num limpo e estendeu a mão para o vinho tinto.

— Eu sirvo — sussurrou Emma, pegando na garrafa. Tinha o braço tão perto que Ava conseguia distinguir na tatuagem as linhas em torno das patas do Tigre que mostravam que este estava a saltar.

— Obrigada — disse Ava.

Sentiu alguém atrás de si, olhou e viu o Sr. do Chapéu de Abas a servir-se também de mais vinho. Tinha uma daquelas barbichas

curtas ridículas que ia do lábio inferior ao queixo. Sorriu, mostrando dentes bonitos. Ela não lhe retribuiu o sorriso e voltou ao seu lugar. Ao sentar-se, esmagou ruidosamente com a bota o copo que deixara cair antes. Alguém suspirou.

— O nosso tema é, como todos sabem, «O Livro Mais Importante» — disse Cate alegremente, e o grupo aplaudiu. — Cada membro escolhe o livro que foi mais importante na sua vida e todos os meses lemos um desses livros. John? Ava? Julgo que vocês poderão ser os últimos, se não se importarem?

Ava endireitou-se no assento. Era isso que ela tinha de fazer? Escolher um livro? Não um livro qualquer, mas o livro mais importante para ela. Não conseguia sequer lembrar-se do último livro que lera e que tivera alguma importância. A verdade é que escolhia deliberadamente livros que *não* importavam. No verão, gostava de se sentar na praia com um livro de bolso, enquanto Jim lia laboriosamente as grossas biografias de Lyndon Johnson escritas por Robert Caro. Mas aqueles livrinhos que ela lia — mistérios e histórias de viagens, ou romances com intrigas banais e fáceis de esquecer — não permaneciam com ela. Escolhia alguns das prateleiras daquela mesma biblioteca, lia-os e esquecia-os. Não *importavam*.

À sua volta, toda a gente tirava canetas dos bolsos ou das malas e abria aqueles cadernos *Moleskine* caros. Seria outra coisa que ela descurara? Trazer um caderno *Moleskine*, e o livro mais importante? Lembrou-se de quando Maggie e Will eram jovens e todos os anos em setembro faziam uma excursão para comprar o material escolar, levando as longas e minuciosas listas que exigiam três dossiês de tamanhos diferentes e todo o género de canetas, marcadores e lápis. Ela tinha saudades dos rituais da sua jovem família, de cortar pepinos e cenouras, de corrigir trabalhos de casa e de fazer cantos de hospital nas camas — tudo isso. E, pela décima ou centésima ou milésima vez nesse dia, pensou: *Maldito sejas, Jim!*

O som de toda a gente a instalar-se melhor e a voz de Cate a anunciar ainda mais qualquer coisa fizeram com que Ava voltasse a prestar atenção. Quem diria que os grupos de leitura eram tão complicados? Cate tinha uma grande urna de bronze que lembrou a Ava aquelas onde se guardavam as cinzas dos mortos.

A sua amiga Cate introduziu a mão lá dentro, tirou um papel dobrado e sorriu.

— Penny — disse. — És tu quem escolhe o nosso livro de janeiro. A idosa senhora loura, com o fato *Chanel*, pôs-se de pé.

— Como muitos de vocês sabem, estudei em Radcliffe, na turma de 47 — informou Penny orgulhosamente. — E, enquanto aí estudava, apaixonei-me por uma tal Menina Jane Austen. Li os seus romances por ordem, primeiro, *Sensibilidade e Bom Senso*, que foi publicado em 1811, depois...

Ava não conseguia concentrar-se no que Penny dizia. Só conseguia pensar que tinha um mês para ler um romance de Jane Austen, ela que até à data nunca lera nenhum.

— Qual dos seus romances é o livro mais importante para ti, Penny? — perguntava Cate.

— O livro que a autora contemporânea Anna Quindlen afirmou ser o primeiro grande romance a ensinar-nos que a busca do eu acontece tanto enquanto fazemos conversa de circunstância no salão como enquanto perseguimos uma grande baleia branca.

Penny fez uma pausa para efeito dramático, e Ava viu várias pessoas, incluindo o Sr. do Chapéu de Abas, apontarem a citação de Anna Quindlen. Para seu alívio, John mostrava-se confuso.

Penny fez o seu anúncio:

— *Orgulho e Preconceito*.

Algumas pessoas bateram palmas e pelo menos uma murmurou de deleite. Não dispondo de um caderno *Moleskine*, Ava escreveu o título na palma da mão.

Cate voltou a introduzir a mão dentro da urna e tirou outro nome.

— Luke, ficas com fevereiro.

O Sr. do Chapéu de Abas pôs-se de pé, de frente para o grupo.

— O grande romance americano — anunciou pragmaticamente. — *O Grande Gatsby*.

Parecia falar diretamente para Ava, que se apressou a baixar os olhos para escrever o título na palma da mão. Alguém lhe bateu no ombro e lhe deu uma folha de papel. Emma. Ava agradeceu-lhe baixinho, mas Emma estava demasiado ocupada a aguardar o próximo nome e nem reparou.

— Março — disse Cate. — Qual é o livro mais importante para ti, Diana?

Uma mulher de idade aproximada à de Ava levantou-se. Pareceu-lhe vagamente familiar.

Vestida com calças pretas justas e uma enorme camisola preta de gola alta, tinha um risco dramático nos olhos e batom vermelho-escuro. Usava um lenço de cores vivas na cabeça, atado com um grande nó à frente. Ava conseguia ver que, por baixo do lenço, Diana não tinha cabelo, e lembrou-se de Cate lhe falar de alguém do grupo que tinha cancro de mama. Elas faziam turnos para a levar à quimioterapia.

Com uma voz profunda e suave, Diana disse:

— Perguntei à Cate se podia escolher uma peça de teatro. Algo de Shakespeare que é, afinal, o autor mais importante para mim. Mas ela disse que não, que tinha de ser um romance. Assim, o *livro* mais importante para mim tem de ser *Anna Karénina*.

Neste momento, John mostrava-se aterrorizado.

— Tu foste uma Ana magnífica — disse Penny.

Diana fez uma vénia dramática e Ava lembrou-se de onde a conhecia. Diana era uma das atrizes do teatro de repertório local. Durante anos, Jim e Ava mantiveram uma assinatura e nunca perdiam uma peça. Adoravam aqueles serões de sexta-feira, muitas vezes com Cate e o seu marido, Gray. *Porque deixámos de ir?*, questionou-se Ava. *Quando deixámos de ir?*

Cate já ia em abril e chamou o nome de Ruth.

Assim que Ruth se levantou, Ava reconheceu-a. Era mãe de uma colega de Maggie na escola primária, uma daquelas mães sempre dispostas a assumir responsabilidades. Ruth era uma presença constante na sala de aula, ajudando os miúdos com os projetos, dando apoio às peças de teatro da escola, supervisionando o refeitório. Ava recordava-a a tirar alegremente fotocópias de listas, avisos e programas. Certa vez, quando a professora de música tivera uma intoxicação alimentar, Ruth substituíra-a ao piano no concerto de Natal.

— Eu sei que este é um dos grossos — disse Ruth —, mas o livro mais importante para mim é *Cem Anos de Solidão*. Desculpem — acrescentou divertida. Ainda tinha o mesmo corpo redondo e macio,

a mesma cara alegre e o carrapito louro bem penteado de que Ava se lembrava. Com o seu vestido de bombazina e socas, parecia mesmo uma mãe de uma série televisiva. Na verdade, lembrou-se, Ruth tinha quatro filhos. Ou seriam cinco?

— Não, não, é um livro maravilhoso — assegurou Cate.

— Muito interessante — disse outra mulher, acenando aprovadoramente. — Cheguei a conhecer Márquez quando estive no Chile.

Ela pronunciava *Tchile*.

— Quem me dera ter a tua vida, Jen — disse Ruth com um suspiro. Riu e apontou para Jen, que tinha longos cabelos castanhos e lisos e um rosto alongado e sério, com um queixo forte e maçãs do rosto acentuadas. — E não digas que querias ter a minha, porque ninguém quer ter aqueles filhos todos.

Virando-se para Ava, Honor disse:

— Ela até fez uma colcha à mão para cada um deles, *durante* a gravidez.

— Oh, eu sei. Eu só tinha de levar dois miúdos à escola a horas — disse Ava — e chegava lá segundos antes de a campainha tocar. Nessa altura já a Ruth vinha a sair, depois de ter deixado cinco crianças nas suas salas de aula. Antes da hora.

— Declaro-me culpada — disse Ruth.

— Acho que já não vês a Ruth há algum tempo — disse-lhe Jen. — Ela agora tem seis filhos.

Ruth assentiu com a cabeça.

— Cameron. O nosso «ups!». Tem quase 8 anos.

— Deus te abençoe — disse Penny, abanando a cabeça. — Três foram mais do que suficientes para mim.

Cate introduziu a mão na urna e tirou o nome para o mês de maio.

— Honor?

Honor pôs-se de pé para falar.

— Isto demorou-me muito tempo. Deveria escolher o livro que me fez apaixonar pela leitura e me conduziu à minha carreira profissional? Deveria escolher o livro que me fez pensar mais?

Ava rezou em silêncio para que ela não tivesse escolhido este último.

— Mas acabei por chegar ao livro que é, de facto, o mais importante para mim. Obrigada, Cate, por nos dares este tema. Foi um exercício difícil, mas extremamente recompensador. — Tinha os olhos a brilhar e agitou as mãos junto do coração. — *Mataram a Cotovia* — concluiu Honor.

— Já li esse — disse Ava surpreendida.

— Também eu! — exclamou John.

— Nesse caso, terão de o reler — provocou Cate.

Procurou na urna o nome para junho.

— Monique — anunciou. — E, a propósito, bem-vinda de volta.

— É um dos membros do grupo original — explicou Penny a Ava. — Mas casou e mudou-se para França...

— Eu conheço-a — disse Ava quando viu Monique levantar-se. O seu cabelo, outrora preto como azeviche, estava agora salpicado de branco, mas continuava a usar o mesmo corte assimétrico, e a blusa de seda decotada revelava a impressionante curva dos seios que exibia anos antes. — Ensinou Francês comigo.

Uma das melhores e piores coisas de Providence é que era impossível dar um passo sem encontrar alguém conhecido.

Sem grande fanfarra, Monique disse:

— *A Tree Grows in Brooklyn* [*Uma Árvore Cresce em Brooklyn*] é o livro mais importante para mim — e voltou a sentar-se.

O nome seguinte a ser chamado foi o de Kiki.

Esta tinha um ar muito jovem, talvez fosse da mesma idade do filho de Ava, Will, que tinha 23. Ao olhá-la, Ava lembrou-se dos seus alunos e ficou logo com um fraquinho por ela.

Kiki escolheu *À Espera no Canteio*, outro romance que Ava lera há muitos anos. Afinal, talvez aquilo não fosse impossível.

Jennifer, aquela que conhecera Gabriel Garcia Márquez no *Tchile*, escolheu o livro para setembro.

— Quando estive no Corpo de Paz na Guatemala — começou ela —, não havia, naturalmente, muitos livros disponíveis.

Jim também estivera no Corpo de Paz nas Honduras, muito antes de Ava o conhecer. Ainda voltava lá uma vez por ano, com material escolar ou óculos. Ia de avião para San Pedro Sula e depois conduzia durante horas em estradas não pavimentadas para visitar

as aldeias mais necessitadas. Regressava com fotografias de crianças sorridentes, de abacateiros acabados de plantar, de galinhas em capoeiras acabadas de construir. Ava interrogava-se agora se deveria tê-lo acompanhado. Teria feito diferença? Será que Delia Lindstrom ia com ele para as Honduras e atacava os abacateiros com lâ?

— Houve um livro que li e reli muitas vezes — era o que Jennifer estava a dizer. — E esse livro era *A Insustentável Leveza do Ser*, de Milan Kundera.

— Adoro esse livro — disse Kiki.

Luke abanou a cabeça afirmativamente.

— Boa escolha.

— E com isto chegamos aos nossos recém-chegados — disse Cate. — John?

John pôs-se de pé, pouco à vontade, balançando ligeiramente nos seus sapatos de vela.

— A minha mulher é que era a leitora da família — disse John. — Então, isto foi um pouco difícil. Mas há um livro que é importante para mim. Muito. *Matadouro Cinco?* De Kurt Vonnegut?

— É uma escolha maravilhosa — disse Cate.

— Boa escolha — disse Luke.

— Nunca li Vonnegut — disse Penny, enquanto anotava cuidadosamente o título no seu caderno. — Já está na altura de o fazer.

Assim que John se sentou, Cate disse gentilmente:

— Ava?

— Última, mas não menos importante — disse Ava, paralisando. Sentiu os olhos de todos em cima dela. Ela não tinha um livro que fosse importante, pensou, obrigando-se a conter as lágrimas. Importava-lhe a sua vida, o seu coração despedaçado, as suas perdas que se acumulavam.

E, de repente ouviu-se dizer:

— *From Clare to Here* [*De Clare até Aqui*].

Ela não pensava no livro desde o verão a seguir à morte de Lily, quando o lera repetidamente, como se tivesse sido escrito só para ela. Alguém o entregara lá em casa, recordava agora Ava, pouco tempo após o primeiro aniversário da morte de Lily e apenas duas semanas depois de a mãe se atirar da ponte Jamestown. Uma mulher

aparecera, ao volante de um grande *Cadillac* preto, e entregara o livro a Ava. «Isto é para ti», dissera ela.

— *De Clare até Aqui* não é uma canção? — perguntou Kiki a Ava, que ficou contente por travar o dilúvio de memórias que ameaçava inundá-la.

— Cantada pela Nancy Griffith, não é? — perguntou Honor.
— *De Clare até Aqui*?

— Foi gravada por muitas pessoas — disse Ava, com a canção a reverberar-lhe na mente. *Quase me quebra o coração, pensar na minha família...*

Ava engoliu em seco, pensando em Jim e na família que perdera este ano. E pensando também naquelas outras perdas de há tanto tempo — a irmã e a mãe — que ainda pesavam como rochedos nas suas entranhas.

— Mas também houve um livro com o mesmo título — acrescentou baixinho. — Escrito por Rosalind Arden. É esse — disse, agora com a voz mais vigorosa. — É esse o livro mais importante para mim.

MAGGIE



Quando chegou pela primeira vez a Paris, com a vaga pretensão de se tornar escritora, foi a todos os cafés que, segundo lera, tinham sido frequentados por Hemingway. Les Deux Magots e o Café Flore, La Closerie e La Rotonde em Montparnasse. «Seja qual for o café em Montparnasse que se peça a um taxista que nos leve a partir da margem direita do rio, ele leva-nos sempre ao Rotonde», escreveu ele em *Fiesta*. Mas, tanto quanto podia ver, agora só lá iam turistas. Ou a qualquer dos outros cafés que ela assinalara tão cuidadosamente no seu mapa *Street Wise Paris*, procurando o melhor caminho de metro ou a pé. Passou quase toda a tarde e uma parte da noite sentada em cafés, a beber vinho da casa e à espera de que a sua vida começasse, que alguma coisa acontecesse.

Mas nada acontecera.

Conseguiu ir-se embora, bêbeda e desapontada, mas não inspirada. Sem se sentir viva, que era do que ela precisava. Estava morta por dentro há demasiado tempo e fora para Paris com as suas gastas edições de bolso de tudo o que Hemingway escrevera, a sua mochila e o seu caderninho para anotar coisas que via, ideias para histórias e frases inteligentes. Fora para ali — fugira, na verdade —, com toda a esperança que conseguira reunir. É claro que também ia atrás de um rapaz, Thomas, um taciturno estudante alemão de filosofia que nunca disse que a queria ver se ela fosse para Paris. Thomas, que não lhe prometera nada e que, quando ela aparecera no seu apartamento, num edifício feio nos arrabaldes da cidade, fez questão de

lhe recordar isso mesmo. «Não te convidei», dissera ele, apesar de a ter deixado entrar e de terem feito sexo à pressa — ela dobrada sobre a secretária, ele por trás, com as calças caídas nos tornozelos e os botões da camisa a arranharem-na.

Ela voltara a procurá-lo, esperançada. Paris não fazia as pessoas apaixonarem-se? Encontrar almas gémeas? Encontrarem-se a si mesmas? Mas fora mais do mesmo, dessa vez no tapete áspero. Depois, enquanto partilhavam um charro, ela tentou lembrar-se da razão que a levara a sair de Florença e seguiu-o para Paris, como se isso fosse uma boa ideia. Examinou o rosto dele — longo, estreito e impassível.

— Talvez nos possamos encontrar num bar amanhã? — sugeriu.

Ele fez um aceno vago com a cabeça, acendeu outro charro e falou de um filósofo que ela não conhecia. A voz dele soava agradável em torno dela, os seus vv soando como ff. *Fila*, dizia ele em vez de vila.

Quando ele não apareceu no bar no dia seguinte, ela nem sequer chorou. Ficaria em Paris, decidiu. Gastaria o dinheiro que o pai lhe depositara na conta para o seu ano de estudos no estrangeiro, como se isso pudesse comprar o perdão dela e corrigir tudo. No seu quarto no *hostel* — com um divã duro, uma lâmpada nua pendendo do teto e uma cadeira partida — tinha um postal a preto-e-branco de Hemingway e Fitzgerald a beberem no Café Flore. Colara-o na parede ao lado da cama, e quando estava deitada sobre o lado esquerdo, podia contemplá-lo, contemplá-los. Comprara o postal num dos quiosques que ladeavam o Sena, juntamente com outro da Torre Eiffel ainda em construção. Esse, colara-o por cima da cama, para o ver quando estava deitada de costas, o que fazia com demasiada frequência, enquanto Paris a esperava lá fora. Agradava-lhe a ideia de olhar para algo tão magnificente quando ainda estava inacabado. *Como ela*, pensou. Inacabada.

Tentou encontrar a Ganimedes, indiscutivelmente a melhor livraria de Paris para livros em língua inglesa, aquela que os seus *Lonely Planet* e *Let's Go* diziam que não podia perder. Mas ficava num labirinto de ruas perto do Centro Pompidou, e sempre que decidia lá ir, perdia-se.

«Où est Ganymede's?» perguntava, apontando no mapa ou no guia. Toda a gente conhecia a loja e lhe dava instruções, apontando e exemplificando com as mãos as partes mais difíceis do caminho. Mesmo assim, ela perdia-se e, em vez de persistir, voltava para o seu quartinho no *hostel*. «Não pode deixar de visitar a Livraria Ganimedes, uma excêntrica e atravancada loja na parte mais em moda de Marais. A proprietária americana, tratada simplesmente por Madame, é um dragão temperamental que abre e fecha a loja de acordo com os seus caprichos», lera no *Frommer's*. Ela arrancara essa página do livro que alguém deixara ficar no *hostel*, com a morada e o número de telefone da livraria, e andava com ela no bolso. Até tentara ligar uma vez, mas o número tinha sido desligado e ela pensou que talvez a icónica livraria tivesse encerrado.

Por vezes, conhecia homens nos cafés. Alemães com cabelos arquitetónicos e um inglês perfeito. Australianos nas suas andanças, com tudo o que possuíam dentro de uma mochila gigante com uma pesada estrutura de metal que içavam para as costas sem qualquer dificuldade. Britânicos em fim de semana prolongado, que tinham atravessado o *Chunnel* de carro — ela adorava essa palavra, *chunnel*, e a maneira como eles a pronunciavam, com os seus sotaques à Beatles — e ficavam em casa de amigos da escola. Estudantes japoneses magricelas, calçando grossos sapatos de plataforma. Evitava os americanos. Não fora para Paris para conhecer americanos. Porém, por tédio ou solidão, deixava ocasionalmente que um americano lhe pagasse mais vinho, lhe desse cigarros e se vangloriasse de todos os museus que visitara num período de tempo ridiculamente escasso, como se estivesse numa corrida.

Levava-os para o seu quartinho minúsculo, exigindo-lhes silêncio ao subir as escadas estreitas, como se estivessem a infringir o recoller obrigatório do *hostel*. Eles levavam uma garrafa de vinho barato comprada no mercado da esquina, drogas se ela estivesse com sorte, cigarros e preservativos suficientes para toda a noite. Ela gostava das suas tatuagens, de dragões intrincados, duendes engraçados e golfinhos a saltar, com citações de poemas e mangas compridas que cobriam os braços magros. Gostava dos seus cheiros — vinho azedo, cigarros antigos, sabonetes *Dr. Bronner's* de hortelã, amêndoa, coco.

Gostava da forma como procuravam uma determinada palavra inglesa, ou chamavam blusas às camisolas ou gorros aos capuzes, do facto de serem estrangeiros, de gostarem da música *techno* que lhe causava arrepios, de usarem demasiados produtos capilares, precisarem de aparelhos nos dentes e não irem ao ginásio. Exceto os americanos, claro. Os americanos, odiava-os pela sua familiaridade.

Quando acordava, em geral por volta do meio-dia, o tipo já se tinha ido embora e ela passeava, de ressaca ou ainda pedrada, com o seu mapa *Street Wise Paris* nas mãos. Tentava lembrar-se de quando é que a entrada em certos museus era grátis, mas confundia sempre os dias e as horas. Caminhava à chuva, caminhava ao sol. Caminhava, em busca de inspiração. Mas todos os fins de tarde dava por si num dos cafés apinhados de turistas, pedindo o seu primeiro *vin maison* do dia. Abria o caderninho e olhava as páginas, quase todas em branco, escrevendo algo, fosse o que fosse, só para tentar preenchê-las. Escrevia *Vin maison*. Ou: *Musée d'Orsay não é grátis à quinta-feira*. Ou: *Mulher do casaco roxo. Possível personagem para uma história?*

Demasiada bebida e demasiadas caminhadas, demasiadas drogas e demasiado sexo tornaram-na delgada e macilenta. Os ossos das ancas sobressaíam agradavelmente nas calças de ganga, o perfil das costelas distinguia-se através da camisola a desfiar. Ela gostava, agradava-lhe percorrer com a mão a saliência dos seus ossos. Quando se via a um espelho, não se reconhecia — a sombra das olheiras escuras por baixo dos olhos, o cabelo emaranhado da cama, os pómulos salientes por cima das faces encovadas.

E então, uma noite, saiu de Les Deux Magots sozinha. O café estava invulgarmente vazio, talvez por causa da chuva forte que caía. A chuva era fria e implacável e, como não tinha guarda-chuva, decidiu apanhar o metro. A noite estendia-se sem esperança diante dela. Compraria uma garrafa de vinho de três euros e iria para o seu quatinho fitar os postais até a beber toda e, com sorte, desmaiar.

O metro também estava estranhamente vazio. Por um momento, enquanto se instalava num banco, a escorrer chuva para cima dele, perguntou-se se teria acontecido alguma coisa. Um ataque terrorista ou um louco à solta. Como poderia saber?

Uma voz de homem interrompeu-lhe o pânico crescente.

— *Tu es trempée jusq'au os.* [Estás encharcada até aos ossos.]

Sentado à frente dela, o homem sorria.

Ela não lhe retribuiu o sorriso.

— *Prends mon parapluie* — ofereceu ele, estendendo-lhe um guarda-chuva preto muito bem dobrado, como se fosse um presente.

O homem era um homem, não um rapaz como os que ela arranjava nos cafés. Tinha a cabeça coberta por cabelos louro-escuros, compridos e sujos, nariz curvo, uma gabardina bem apertada com um cinto em volta da sua impressionante barriga. Era parecido com Gérard Depardieu, o seu ator francês favorito, pensou Maggie. Só não era tão grande nem tão velho.

— Ah! — disse ele, sorrindo outra vez e revelando uns adoráveis dentes tortos. — Não falas francês!

Ela respondeu-lhe, num francês perfeito, que na verdade falava a língua, mas não tinha o costume de aceitar guarda-chuvas de estranhos em comboios.

Ele riu, obviamente encantado.

— Onde é que arranjaste esse sotaque? — perguntou-lhe, continuando a falar inglês.

— Frequentei um *lycée* nos Estados Unidos durante oito anos — contou ela. — E a minha mãe é professora de Francês.

— *Alors* — disse ele, usando a palavra francesa que significava *então*, ou *pois bem* ou um milhão de outras coisas, e acenando aprovadoramente.

Maggie olhou em volta. Eles eram os únicos ocupantes da carruagem.

— *Où est tout le monde ce soir?* — questionou-se ela em voz alta.

O comboio abrandava e o homem levantou-se, estendendo uma mão para a porta, como se a convidasse a ir com ele.

— Toda a gente se foi embora esta noite, para podermos ter o mundo só para nós, talvez? — foi a resposta dele.

Ela conseguia ouvir a pergunta frustrada da mãe: «Tu alguma vez na vida pensas antes de agir?». Levantou-se também, sem hesitar, e saiu do comboio atrás dele.



Caminharam silenciosamente à chuva, as pernas a entrechocarem-se debaixo do pequeno guarda-chuva, até chegarem a um sítio chamado Willi's Bar. Quando ele abriu a porta e se desviou para ela entrar primeiro, Maggie percebeu que não se conseguia mexer. O bar estava muito bem iluminado e cheio de gente alegre. A sala vibrava de vida. Sentiu a mão dele nas costas, incentivando-a a entrar. Ela cambaleou ligeiramente, e ele segurou-lhe o cotovelo com uma mão enquanto lhe alisava o cabelo com a outra.

O chefe de sala cumprimentou-os, sorrindo e fazendo conversa de circunstância. Era óbvio que o homem era um cliente habitual, e, embora ela tentasse ouvir a conversa deles enquanto se dirigiam a uma mesa, estava demasiado avassalada pela luz e pelo barulho, por *Paris*, pois tinha finalmente, ao fim de semanas e semanas, aterrado ali.

Ele pediu uma garrafa de vinho de Bordéus que sabia a couro. Chegou um bife tártaro, alcachofras com cogumelos e croquetes de caranguejo. Ela estava esfomeada, percebeu ao começar a comer, enfiando garfadas na boca e ouvindo novamente a mãe: «Comes como se fosse a tua última refeição. Mais devagar!».

Ele encomendou mais uma garrafa de vinho e um prato de queijo.

— Que idade tens? — perguntou-lhe. — Dezasseis?

— Vinte e um — mentiu ela. Acabara de fazer 20.

Ele acenou com a cabeça.

— E estás aqui porquê?

— Sou escritora — respondeu ela.

À noite, na cama com os rapazes desconhecidos, dizia-lhes a mesma coisa. Mas os rapazes só respondiam «Fixe», ou nem sequer diziam nada. Este homem voltou a acenar com a cabeça, apreciativamente.

— Paris é para os escritores — disse ele. — Escreves o quê? Poesia?

Maggie abanou a cabeça.

— Estou a escrever um romance — disse. Não era propriamente mentira, decidiu. Ela queria escrever um romance. Tinha ideias para um romance.

— Como o Hemingway, *oui*?

— Hemingway é o meu herói — disse ela. Era como se o homem lhe lesse a alma.

Ele sorriu-lhe.

— Esta era a cidade dele.

— Sim — concordou ela. — Tenho, literalmente, andado sobre as suas pegadas.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Quer dizer que foste ao Hotel d'Angleterre?

Ela abanou a cabeça.

— Mas tens de o visitar — insistiu ele. — Foi onde ele e Hadley passaram a primeira noite em Paris. Em dezembro de 1921, creio eu. No quarto 14.

— Caramba — disse Maggie. Sem saber como, encontrara casualmente o homem perfeito para ela. Um homem que sabia onde Hemingway passara a sua primeira noite em Paris, até o número do quarto. Um homem que se parecia com Gérard Depardieu.

— Na altura chamava-se Hôtel Jacob — explicou ele.

— Já passei à frente dos prédios onde viveu — disse ela. E depois, para impressionar: — De ambos.

Mas ele sacudiu a mão desdenhosamente.

— Esses, toda a gente os vê. Os edifícios têm placas comemorativas, para garantir que nenhum turista deixa de os ver. Mas uma escritora... — ele baixou a voz e acariciou-lhe rapidamente a bochecha. — Uma escritora precisa da história completa, *n'est-ce pas?*

Maggie pegou no saco e tirou o caderninho.

— Qual é a morada? — perguntou, segurando a caneta sobre uma página em branco. — É a primeira coisa que farei amanhã.

— Disparate — disse ele, pondo-se de pé. — Vamos imediatamente!

— Agora? — questionou Maggie.

— Sim, claro.

Ela não estava ali em busca de aventuras? Em busca de experiências sobre as quais pudesse escrever contos ou mesmo um romance? Que poderia ser mais grandioso do que um homem

francês mais velho, parecido com uma estrela de cinema, levá-la a visitar o sítio exato onde Hemingway se alojara na sua primeira noite em Paris?

— *Je m'appelle Julien* — disse o homem, baixinho.

— Maggie — disse ela, com a boca cheia de queijo fabricado com leite de vacas dos Pirenéus.

No domingo, ele levou-a ao Marché Mouffetard. Petiscaram pão acabado de cozer, enquanto deambulavam pelo mercado apinhado, passando pelos vendedores de frutas, queijos e charcutaria.

— Ainda é exatamente como ele o descreveu em *Paris é uma Festa* — disse Maggie, absorvendo todas as verduras e os cheiros ricos dos queijos e das carnes. Quantas semanas desperdiçara no seu quarto minúsculo? E em bares cheios de fumo? Agora, sim, estava a descobrir Paris. A Paris de Hemingway, acrescentou.

Julien pegou-lhe na mão e apertou-a levemente.

— Fico tão feliz por te mostrar estas coisas — disse ele. Não lhe soltou a mão até chegarem ao Marché Monge, onde lhe comprou um *pain au chocolat*.

— É o meu favorito — disse ela. — Como é que sabias?

Mas ele continuou a não a beijar quando a deixou no *hostel*. Limitou-se a tocar-lhe levemente na bochecha e convidou-a a encontrar-se com ele na quarta-feira nos Jardins do Luxemburgo.

— Não acredito que o teu *Monsieur* Hemingway tenha apertado mesmo o pescoço a pombos para os comer e os tenha escondido no carrinho do bebé. Tu acreditas?

— Ele afirmou ter feito isso? — perguntou ela, deliciada.

Ele confirmou.

— Diz que teve de o fazer, pois não havia comida desde a Place de l'Observatoire até à rue de Vaugirard.

Maggie riu.

— E era verdade?

— Receio bem que sim — disse Julien com um suspiro. Ergueu a sobrancelha e voltou a perguntar: — Quarta-feira?

Maggie concordou, perguntando-se como podia esperar três dias inteiros antes de o voltar a ver.

A quarta-feira acabou por chegar. Durante todo o caminho até aos Jardins do Luxemburgo, Maggie questionou-se se hoje seria o dia em que ele ia finalmente beijá-la. Ou talvez ela o beijasse primeiro? Imaginou-se encostada a ele sob os olhos das estátuas das rainhas de França. Ou talvez na Fonte de Médicis. Sorriu ao imaginá-lo — o beijo, a surpresa dele.

Quando chegou junto dele, sofria de um caso severo de borboletas no estômago, antecipando o beijo perfeito. Quando ele a avistou, deitou fora o cigarro que estava a fumar e esmagou-o com o calcanhar, para abrir completamente os braços. Sem hesitar, Maggie correu para o seu abraço.

— De que é que gostas? Além de *Monsieur* Hemingway? — perguntou-lhe ele mais tarde, depois de a ter beijado ao lado, provavelmente, das cento e seis estátuas do jardim e lhe ter suplicado que fosse para a cama com ele. Mas não era necessário suplicar. Logo após o primeiro beijo, por coincidência junto do pequeno modelo da Estátua da Liberdade, Maggie só desejava que se tornassem amantes. Quando ele a encostou à estátua de Baudelaire, percorrendo-lhe as costelas com as mãos, a língua profundamente mergulhada na sua boca, ela tinha quase a certeza de estar apaixonada por ele.

Agora estavam nus, numa grande cama num apartamento na rue Saint-Antoine, no Marais. Para chegarem àquele apartamento, tinham subido cem degraus. Maggie contara-os.

— *Quatre-vingt-dix-huit, quatre-vingt-dix-neuf, cent!*

O último — *cem!* —, anunciara-o sem fôlego prestes a cair através da porta.

Julien segurou-a, rindo.

— Nunca os tinha contado.

Beberam uma garrafa de champanhe no grande sofá cor-de-rosa, beijando-se até ficarem com os lábios inchados. Julien abriu uma segunda garrafa, com os cabelos compridos emaranhados e revoltos.

— Levamos esta para a cama connosco? — perguntou ele, quase com timidez.

A cama ficava ao cimo de um escadote, como os dos barcos, inclinado e estreito, e ele conduziu-a por trás, com as mãos na cintura dela. Ela tinha a cabeça a andar à roda, e quando chegou ao topo dos degraus, atirou-se para cima da cama, coberta por um edredão e almofadas, milhas de branco. Desde a primeira vez que se embebedara — quando tinha apenas 13 ou 14 anos, não sabia bem, antes do programa educativo da Outward Bound e da quinta de férias em Vermont e todas as outras coisas que os pais tinham tentado para a curar —, que adorava ter a cabeça à roda, adorava sentir-se bêbeda ou drogada, sentir o mundo cair debaixo dos seus pés.

O sexo foi desastrado e rápido, uma rapariga bêbeda e um homem mais velho demasiado excitado por estar com alguém com metade da sua idade para conseguir fazer melhor.

Mas agora ele traçava-lhe as costelas, uma a uma, e repetia num sussurro:

— De que é que gostas?

— Tens cigarros? — perguntou ela.

Ele tinha.

— Drogas?

Ele hesitou, os seus dedos detendo-se a meio das costas dela.

— De que género? — perguntou.

Ela nomeou as favoritas. *Oxycontin*. *Vicodin*. *Adderall*. Cocaína. Erva.

— Os meus pais gastaram milhares de dólares a protegerem-me de mim própria — explicou ela —, mas sou mesmo má rês, acho eu.

Ela queria parecer sedutora, atrevida, mas as palavras saíram-lhe mal.

Sem responder, Julien saiu da cama.

Ela fechou os olhos e deixou a sala rodar à sua volta.

— Adormeceste — ouviu-o dizer, um minuto, uma hora ou muitas horas depois.

Havia uma claraboia por cima dela, batida pela chuva.

Julien ofereceu-lhe um cigarro e um conhaque. Ela sentou-se na cama e pegou em ambos.

— Quero fazer-te uma proposta — disse ele. Depois disse o nome dela — não Maggie, mas Marguerite — como se este fosse a coisa mais deliciosa.

O cigarro era um *Gitane*, um dos fortes, e ela tossiu.

— Tu podes ficar aqui...

— Aqui? — repetiu ela, incapaz de acreditar na sua sorte. Talvez ele também a amasse.

— E eu trago-te comida, cigarros e até drogas, se quiseres.

Maggie tomou um grande gole do conhaque, que era excelente, desfrutando da sensação de ardor nas entranhas.

— Queres que eu seja uma mulher mantida. Tua amante?

— Mas tens de estar aqui sempre que eu te quiser — disse ele.

Tirou-lhe o conhaque das mãos e bebeu um pouco.

Começou a fornecer-lhe detalhes. Dar-lhe-ia um telemóvel, chaves, algumas roupas para quando a levasse a jantar fora.

Maggie sorriu. Ela fá-lo-ia, viveria naquele apartamento por cima do Marais e encheria o seu caderninho de observações sagazes e comentários sucintos. Num extremo do seu cérebro, a voz da mãe ameaçava intrometer-se, com a sua lógica ou com os seus avisos ou ambas as coisas. Mas Maggie não lho permitiria. *Estou em Paris e estou apaixonada*, disse a si mesma com um arrepio de excitação a percorrê-la toda.

— *Alors* — disse ele. — Pareces feliz.

— *Oui* — disse ela. — *Très heureuse*.

Maggie pôs-se de joelhos e percorreu o vasto oceano da cama. Quando chegou junto dele, beijou-o profundamente na boca.

E se a experiência mais gratificante e inesperada da sua vida nascesse de uma grande desilusão?

Ava levava uma vida tranquila e feliz quando, de repente, tudo muda: o marido troca-a por uma mulher mais nova e os filhos decidem continuar a sua vida longe de casa e do país. Como fuga à solidão, Ava ingressa num clube de leitura. Além da sua paixão literária, Ava redescobre um misterioso livro da sua infância, que a ajudou a superar as mortes trágicas e prematuras da irmã e da mãe.

Por sua vez, Maggie, a filha problemática que todos julgavam estar, finalmente, no bom caminho, abandona o curso em Florença e parte para Paris sem avisar ninguém. Contrariamente à liberdade e paz que esperava encontrar, Maggie envolve-se com um homem mais velho e entra numa espiral de destruição. Até que um inesperado encontro numa livraria a faz repensar a sua vida.

Enquanto procura desesperadamente pela filha e tenta saber mais sobre a autora do livro que fora tão importante para si, Ava vai desvendar segredos que jamais julgou existirem. E vai abrir as portas que irão permitir um novo recomeço para Maggie e para si.

***O Outro Lado do Adeus* mostra-nos
uma história de amor, perda,
arrependimento e redenção.**

**«A narrativa emocionante de Ann Hood
vai fazê-lo sentir-se parte da história!
Não vai conseguir parar de ler.»**

USA TODAY

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8849-90-8  9 789898 849908 Literatura Traduzida
--	--